

Jornalista inglês chega ao Brasil para acompanhar depoimento de testemunhas no processo que apura atropelamento e morte de sua filha e contesta as duas versões apresentadas pelo motorista do caminhão

Um pai em busca da verdade

LUÍSA MEDEIROS

DA EQUIPE DO CORREIO

Oito meses depois da morte da filha Mercedes Elizabeth Hay, 5 anos, o jornalista Andrew Thomas Hay, 36 anos, voltou a Brasília. Ele veio da Espanha, onde mora desde março com a família, em busca da verdade. Hay luta para que sejam esclarecidas as circunstâncias de como ocorreu o atropelamento que matou a menina. Em 17 de janeiro, Mercedes andava de bicicleta na rua onde morava, no conjunto 6 da QI 3 do Lago Norte, quando foi atingida e esmagada por um caminhão caçamba carregado com sacos de cimento. Munido de fotos que mostram detalhes importantes do dia da tragédia, o jornalista quer que a Justiça reveja a forma como o processo está sendo conduzido. Segundo ele, pessoas que estavam na hora do acidente não foram ouvidas e fatores que contribuíram para o atropelamento não foram considerados. "Quero provar que minha filha não é culpada por andar de bicicleta na frente de casa", argumenta.

Hoje haverá o primeiro depoimento das testemunhas no Tribunal de Justiça do Distrito Federal (TJDF). Cinco pessoas serão ouvidas na 1ª Vara de Delitos de Trânsito, às 14h. Entre elas, o ajudante do condutor do caminhão, Cleber dos Santos Araújo Mendes.

Andrew Hay quer acompanhar de perto a segunda etapa do julgamento do motorista Elizeu Caetano de Faria Júnior, 34 anos, indiciado pelo Ministério Público por homicídio culposo (sem intenção de matar). E evitar que mais versões sejam criadas para justificar a tragédia. Até agora são duas. A primeira explicação sustentava que a menina de pouco mais de um metro de altura teria pego uma "carona" na lateral do veículo. A segunda versão, dita em depoimento do motorista à Justiça, no dia 9 do mês passado, afirmava que Mercedes se jogou embaixo da caminhão para procurar o cachorro de estimação.

Com fotos e depoimentos de vizinhos, o jornalista pretende desbancar as versões contraditórias defendidas pelo motorista. Ele pretende pedir à Justiça que seja refeita a cena do acidente.

"Cheguei ao meu limite de tolerância do caso. Foram inventadas versões para colocar a culpa na minha filha. São álibis para esconder as circunstâncias verdadeiras do que ocorreu naquele dia", afirma Hay. As fotos tiradas pelo Correio revelam detalhes importantes que podem ter contribuído para a tragédia. "O acidente não deve ser focado apenas na conduta do motorista. Há uma cadeia de irresponsabilidades. A rua estava obstruída e a minha filha não teve como fugir do caminhão, que foi manobrado com negligência e de forma incorreta", destaca o pai da vítima.

Reforma

Na manhã de 17 de janeiro, Mercedes saiu de casa para andar de bicicleta na rua. Eram 11h50 quando o caminhão entrou no conjunto para entregar materiais para a reforma da casa 19. A frente da residência, a calçada e metade da pista estavam obstruídos com outros materiais, como areia. Elizeu Júnior dirigiu até o final da rua e parou. Olhou nos dois retrovisores e engatou a marcha ré para aproximar o veículo da casa. O ajudante ficou dentro do caminhão e não interferiu na manobra arriscada. Mercedes ficou encurralada. Ela estava de costas

e foi esmagada pela roda traseira do caminhão. O homem escutou um estalo estranho e parou. A criança morreu na hora.

Segundo o pai da menina, as fotos mostram a obstrução ilegal da rua e da calçada. "A versão do motorista só é possível de ser aceita se não forem levadas em conta essas provas", diz o jornalista. Segundo os vizinhos, a reforma da casa estava atrapalhando a passagem de carros e pedestres. Hay afirma que havia, pelo menos, cinco pessoas que estavam na hora do acidente e não foram ouvidas, entre elas a dona da casa em reforma e os pedreiros da obra.

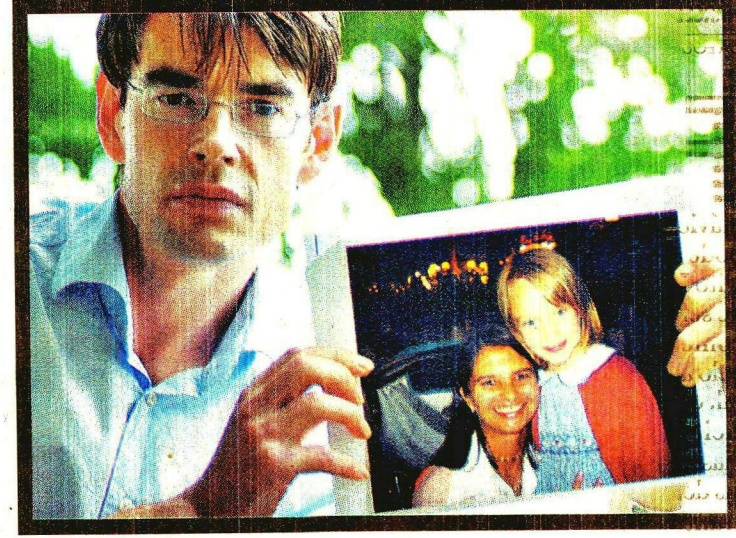
O jornalista argumenta ainda que o caminhão e a bicicleta da menina não foram pericidados. "Luto para esclarecer as circunstâncias do acidente não só pela minha filha. Houve uma série de erros, a rua estava um caos. Estamos sofrendo com essas injúrias", desabafa o jornalista, correspondente internacional, que morou três anos no Brasil.

Ronaldo de Oliveira/CB - 17/1/06



AJUDANTE DE OBRA LAVA O SANGUE DA CRIANÇA NA PISTA: RUA OBSTRUÍDA

Breno Fortes/CB



ANDREW MOSTRA A FOTO DA FILHA, MERCEDES: "CHEGUEI AO MEU LIMITE"

ENTREVISTA// ANDREW THOMAS HAY

"Não podemos culpar uma criança"

Por que o senhor voltou ao Brasil?

Se fosse um caso simples, se o motorista do caminhão e o ajudante não inventassem duas versões para o acidente, se existisse uma investigação profunda da polícia, não seria necessário voltar. Mas foram criadas versões que culpam Mercedes. Voltei para esclarecer que as versões são apenas álibis.

Será preciso acompanhar o processo de perto?

Sim. Fico aqui até o final de se-

mana, mas voltarei ao Brasil sempre que for preciso. Com a nova versão apresentada pelo motorista, no depoimento feito em agosto, preciso defender minha família. O processo se tornou complicado desde a tentativa de responsabilizar minha filha pelo acidente.

Qual é a sua expectativa?

Quero que tudo seja esclarecido para que a morte da minha filha não seja em vão. Com o esclarecimento do que ocorreu espero que as pessoas tenham mais segurança nas

ruas. Tanto os motoristas, quanto os donos das obras devem pensar duas vezes antes de criar situações perigosas.

Como o senhor acha que as autoridades brasileiras estão levando o caso?

Acho que faltam à Justiça e à polícia informações importantes que não deixem dúvidas sobre a ilegalidade e irresponsabilidade da manobra feita pelo motorista.

O que precisa mudar na sociedade para evitar que

outros acidentes como esse ocorram?

Não podemos culpar uma criança por estar na rua. Não se pode pensar primeiro que o erro é da minha filha. Se nós queremos morar em uma comunidade devemos respeitar os outros e os direitos das crianças.

Oito meses depois da morte de Mercedes como o sr. e a sua mulher estão?

Estamos muito fracos, frágeis, tentando reconstituir uma família destruída. Mercedes era o centro da família.